

Viagens ao mar absoluto: Uma aproximação à poesia lírica de Cecília Meireles

Carlos Sepúlveda

Membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia / Professor-titular da
Universidade Veiga de Almeida / Coordenador Acadêmico da UVA-Cabo
Frio / Membro da Academia Cabofriense de Letras
Diretor da Faculdade da Região dos Lagos

I

Há, no lirismo de Cecília Meireles, uma sofisticação e um compromisso que, ainda hoje, não foram interpretados, nem compreendidos, como deveriam, em sua vasta dimensão, tendo em vista a importância crescente de sua poesia em nossas letras. A passagem de seu Centenário de Nascimento é, sem dúvida, o momento para que se retome sua obra.

Cecília, segundo Darcy Damasceno, um dos seus críticos mais próximos, teria surgido na Literatura Brasileira no ano emblemático e miraculoso de 1922, o ano da Semana de Arte Moderna. A hegemonia deste evento histórico talvez explique, em seus desdobramentos, alguma incompreensão e certa inconsistência na análise de sua poesia, ainda hoje presentes quando nos ocupamos de sua obra tão singular, pelo fato de se constituir numa literatura contracorrente, no sentido contrário do que então se escrevia.

É que a renovação das letras nacionais, a partir da proposta sobretudo dos paulistas, foi, essencialmente, um combate. O empenho de modernização de nossa cultura literária rendeu-se às diatribes e às paródias dos jovens iconoclastas de São Paulo e, com isso, em que pese à qualidade e competência dos grupos da Semana de Arte Moderna em seu compromisso renovador, fez-se do lirismo, antes de tudo, um lirismo de destruição, até, pelo menos, o surgimento da geração de 1930 que, como se sabe, renovou efetivamente o panorama de nossas letras modernas, já não mais tão radicalmente empenhado num programa iconoclasta.

A mensagem poética do grupo da Semana de 22, apesar de sua inconteste validade histórica e oportunidade contextual, fixou-se na necessidade de

romper com o passado, com a tradição, supostamente um ato revolucionário que, com alguma frequência, transformou o discurso poético em um manifesto de fundo ideológico, isto é, de fato banalizou a poesia retirando-lhe muito de mistério e de hermetismo que, queiramos ou não, faz parte de uma certa metafísica objetiva, própria da poesia. Porque a poesia, a grande poesia, não se dá facilmente, exige o suor da alma e compromete o leitor, se ele é, efetivamente, um leitor radical.

É preciso efetivamente perguntar se a poesia, se o poema, é um objeto facilmente acessível ou se devemos nos preparar para um delicado exercício de decifração cuja prática está a exigir do leitor algo mais do que simples juntar de letras, que na verdade exige de quem lê a coragem de correr o risco de compreender o incompreensível, de decifrar o inaudito.

Talvez toda essa aventura modernista tenha sofrido sua melhor avaliação na voz insuspeita de Mário de Andrade, seu condutor incontestado, quando disse, no famoso pronunciamento de 1945, e logo depois morreria: *estávamos todos enganados*.

Correu-se o risco incalculável de reduzir o lirismo à mensagem única do “apelo ao bom combate”, em nome do compromisso estético fechado no ideário inscrito no que Manuel Bandeira denominou de “lirismo dos bêbados, dos *clowns* de Shakespeare”, em sua poética da libertinagem.

Mas não devemos esquecer que este mesmo poeta cuida para que não se perca a dimensão complexa da língua, quando também escreve:

Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados

Eram, sobretudo, poesias de metapoemas, isto é, poesias sobre poesias, evocando uma espécie de racionalismo, com uma finalidade estratégica de divulgar o movimento modernista que se iniciara.

Era o reconhecimento de que a arte, embora resultante de um impulso inconsciente, irracional e misterioso, suas formas, em constante evolução, são vestígios do imenso esforço da consciência para organizar a fulguração da experiência humana.

Era também o espírito moderno que aportava na terra de Pindorama com seu mais claro sintoma: a crítica radical que outra coisa não era senão a crítica pela crítica, destruir sem construir, numa revolta justificada em relação a uma tradição fechada que representava, de algum modo, uma sociedade acanhada, ainda fortemente marcada pelo patriarcalismo rural, distante das pulsões modernistas verificadas nos grandes centros da cultura: Paris, Londres, Berlim...

Tratava-se, então, de uma década para a qual a poesia deveria engajar-se na rebeldia de uma juventude movida pela urgência impressa nos ícones, símbolos e alegorias da primeira modernidade, denunciada por Marinetti e companhia:

a máquina, a velocidade, a metrópole febril e fabril, a metonímia, a urbanização, as cidades, os confrontos, cenário que é, para nós, hoje, perfeitamente familiar, mas não menos aterrador.

Gostaria de me referir a dois aspectos da poesia de Cecília Meireles que a tradição do modernismo preferiu ignorar, sobretudo porque não se enfeixavam no ideário iconoclasta de suas propostas mais radicalizadoras. Porque a alma sensível e delicada de Cecília não se conformava dentro dos aspectos destruidores do ideário modernista, sobretudo os da primeira fase, isto é, de 1922 até 1930.

De um lado, a sofisticação do fazer poético de Cecília no sentido plenamente aberto à herança clássica, isto é, o lirismo comprometido com a tradição das origens, com a lira, com a musicalidade, com a harmonia das sonoridades que ecoam, ainda e sempre, a partir da *palavra pura*. Esta busca metafísica, que os simbolistas inauguraram no centro mesmo da reflexão moderna e por isso foram execrados, tem, em CM e seu grupo, em torno da revista *Festa* —os chamados neo-simbolistas— uma fonte permanente de inspiração e motivo.

Trata-se, neste caso, de um compromisso de preservação da herança clássica, sobretudo dos gregos, que fundaram um modo de pensar que, pela primeira vez, questionou o Ser em sua origem, isto é, a reflexão sobre o princípio, sobre o começo do homem e que permaneceu oculto por pelos menos 25 séculos.

Sabemos bem o que isto significa, porque, de algum modo, todos somos gregos quando, em certo momentos de nossa vida, sentimos necessidade de indagar a finalidade de tudo isto, o sentido de estar aqui, fazendo coisas. Se tudo isto é fruto de um enorme acaso, uma diversão de algum Criador, ou se, pelo contrário, há um projeto racional para nós. Quero dizer que somos gregos quando fazemos a nós mesmos perguntas fundamentais sobre o estar-no-mundo.

De algum modo misterioso, a obra de arte, principalmente a poesia, pretende ajudar a responder esta espantosa pergunta. Afinal, se o mundo fosse claro, a arte não existiria.

Então, a busca do sentido mais puro para as palavras da tribo, tal como pretendia o poeta francês Mallarmé, um dos fundadores do movimento simbolista, recupera a musicalidade, a canção, a metáfora musical que Cecília Meireles explora no limite de sua eficácia e que oferece extraordinário rendimento à sua expressão poética. É isto que ela faz na trilha dos simbolistas e que levou a crítica moderna a rotular sua poesia como “neo-simbolista”, sem saber exatamente o que isto significava.

Por outro lado, e em segundo lugar, o compromisso com a linguagem é o único compromisso que verdadeiramente importa, quando se compreende poesia e linguagem como o mesmo e único, ainda na trilha dos clássicos. Porque a língua não é nossa como um instrumento, nós é que somos dela, como seus protegidos ou seus expatriados.

Não é por acaso que, na totalidade de seus textos, contam-se mais de vinte composições com o título *canção*, mais de quarenta com o título *canção* seguido de algum sintagma modificador, um livro inteiro, denominado *canções*, além de centenas de sugestões musicais ao longo de sua obra, em metáforas estruturais, sinestésias, sintonias, assonâncias, ressonâncias, etc.

II

A poesia, no dizer sempre agudo do crítico Eduardo Portella, é, sendo. E será tão mais literatura quanto mais for metaliteratura e não, necessariamente, metalinguagem. Isto quer dizer um compromisso com o ser da poesia, com o que constitui sua essência, sua ontologia. Isto quer dizer que a literatura fala da literatura, no frescor das origens. Isto quer dizer que quando se lê poesia, em especial quando se lê Cecília, existe sempre o perigo de se perder de si mesmo, que pode ser - afinal - um encontrar-se, até porque o nosso prosaico Noel Rosa costumava dizer que *quem acha vive se perdendo*.

Porém, se a linguagem é o ser da poesia, sua ontologia é o homem, pois o homem só se reconhece na linguagem, portanto, a poesia fala do homem, para o homem, com os homens, pelos homens. Nós, humanos, só somos porque somos linguagem. Retire-se de nós a linguagem, e já não somos ser algum.

Toda esta reflexão preliminar é para deixar claro que a poesia de Cecília Meireles não se dá facilmente, não dispõe do facilitário do libelo acusatório de alguns modernistas. Ao contrário, sua poesia quer, sobretudo, ser a clareira, a abertura luminosa na casa do ser ou, como diria Wittgenstein de outro modo: *os limites do mundo são os limites da minha linguagem*.

Trata-se, portanto, de analisar sua obra sob o signo de uma viagem. Uma viagem aos limites do mundo, por conseguinte, da linguagem, desde que se compreenda mundo como tudo aquilo que é humano e, portanto, que não nos é indiferente. Significa a construção de uma fraternidade em torno daquilo que mais nos confunde e diz respeito: a palavra.

Começemos, pois, pelo signo de *Viagem*.

Viagem diz do deslocamento dos entes no tempo e no espaço, constituintes da busca e da procura. *Viagem* diz de caminhos que levam a alguma parte e da pré-ocupação do que ainda não está presente ao olhar. E quando dizemos pré-ocupação, dizemos de uma diferença em relação aos animais, porque estes se ocupam das coisas. Só nós, os humanos, nos pré-ocupamos com as coisas, porque as coisas nos pertencem antes de serem nossas. Porque somos o que nos falta e que somente a linguagem pode revelar. Porque antes de um brinquedo pertencer a uma criança, ela já existe em seus sonhos, ele preocupa toda sua vontade e desejo. E quando nós encontramos o amor, ele já nos pertence, como coisa imaginada, ser desejado, incorpóreo, que só espera um corpo para ser o que já é.

Para o dizer no cotidiano, para o senso-comum, a viagem é um destino concreto e certo, pois não se pode compreender a viagem sem a destinação do

lugar. Quando partimos, buscamos a possibilidade da chegada. *Viagem* diz o símbolo metonímico, quando se refere ao que nos acostumamos a entender quando alguém nos diz *vou fazer uma viagem*.

Porém viagem pode bem ser a alegoria do partir e não necessariamente voltar, do encontro, não de um ente qualquer, no tempo e no espaço, mas no encontro do ser: a viagem sem referência objetiva, a busca de um lugar que não existe como coisa de se pegar, fora de todo tempo e lugar, caminhos que levam a nenhum lugar, como Pasárgada, por exemplo, daquele famoso poema de Manuel Bandeira: *Vou-me embora pra Pasárgada/ lá sou amigo do Rei/ terei a mulher que eu quero/ na cama que escolherei*. Fala-se de viagem como encontro do que nos decifra, do que nos revela por dentro. Viagem como reconhecimento do território de si mesmo, viagem-revelação, epifania e salvação.

Então, na tensão entre as duas viagens que nosso código lingüístico, dentro de sua precariedade gregária permite dizer, isto é, o símbolo e a alegoria, perguntamos: *que viagem nos diz o lirismo de Cecília em seu começo?* Será uma viagem objetiva, concreta, entre um e outro lugar, ou será viagem abstrata, sensação de perder-se de si mesmo?

VIAGEM

No perfume dos meus dedos,
há um gosto de sofrimento,
como o sangue dos segredos
no gume do pensamento.

Por onde é que vou ?

Fechei as portas sozinha.
Custaram tanto a rodar !
Se chamasse, ninguém vinha.
Para que se há de chamar ?

Que caminho estranho !

Eras coisa tão sem forma,
tão sem tempo, tão sem nada...
—arco-íris de meu dilúvio !—
que nem podias ser vista
nem quase mesmo pensada.

Ninguém mais caminha ?

A noite bebeu-te as cores
para pintar as estrelas.
Desde então, que é dos meus olhos ?

Voaram de mim para as nuvens,
com rendas para prendê-las.

Quem te alcançará ?

Dentro da noite mais densa
navegarei sem rumores,
seguindo por onde fores
como um sonho que se pensa.

Por onde é que vou ? (OP,150)

Podemos entender este poema, renda de redondilhas, como um diálogo: um eu que procura abrir conversação com um tu. Cecília fala conosco. Estamos, pois, no centro de uma temática bastante recorrente em sua poética e na condição moderna: a incomunicabilidade, que é também um dos temas de nosso tempo.

É uma viagem que vai de um certo eu para um tu, indefinível, que é “coisa tão sem forma, sem tempo, sem nada.”

Então, o poema diz de uma decisão, de alguém que se partiu em pedaços, que se fragmentou, a partir de um sofrimento expresso na delicada sinestesia que é, como se sabe, a fusão de diferentes sentidos: “no perfume de meus dedos há um gosto de sofrimento”.

Esta cisão decidida entre um certo e vago eu e um tu – o outro – é um trabalho solitário. Ninguém ouvirá o doloroso apelo do não, da viagem para dentro de si, o mergulho no grande vazio, no-nada. Esta viagem não tem começo nem fim, é só travessia.

Mas, para onde é que se vai? Pergunta a poeta. Que estranho caminho é este por onde se caminha de um lugar para outro, a viagem? Será isto a viagem?

Estamos no estranhamento, no âmago da identidade entre ser e pensamento (como um sonho que nos confunde entre realidade e fantasia). Estamos em plena viagem rumo à origem de todo pensar, que é o que repousa no sentido original da palavra *logos*, que também diz, na tradição, pensamento, mas que quer dizer, no grego original, a colheita, o pouso, o recolher. O lugar de repouso onde a linguagem se permite doar sentidos para que nossa vida fique mais lúcida.

Seria o eco da solidão romântica? Do poeta como um ser incompreendido num mundo que perdeu sentido? Exatamente como a tradição romântica nos ensinou? Seria a reflexão do andarilho, do vagabundo, que vaga dentro da noite mais densa, o tal poeta romântico? Do homem de lugar nenhum, sentado na terra do nada, esperando por ninguém, como na música dos Beatles?

I'm a real nowhere man/ sitting in a nowhere land,/ just waiting for nobody.

É um pouco este problema, mas pode ser, ainda mais radicalmente do que sugerem os românticos, a eterna busca de si mesmo.

Muito mais porque não se trata da solidão radicada numa consciência infeliz, e solitária porque infeliz, que não se basta em sua infelicidade, mas uma consciência que busca o outro, um outro, nem que seja o outro, o mesmo identificável - pois muitas vezes não somos para nós mesmos objeto não identificável?

“ Quem te alcançará?” pergunta a poeta.

Pergunta inútil, porque o alcance jamais será possível, porque se houver uma chegada e uma partida, elimina-se a possibilidade de ser poesia, pois não é o encontro o que se dá na viagem, mas a busca, assim como Ulisses é na procura de sua Ítaca, não no seu encontrar. Porque no encontrar, Ulisses é menos. Ulisses é mais no encontrar-se, procurando. Pois não é Noel Rosa quem diz, na língua cotidiana do samba, *quem acha vive se perdendo*? Não é a perdição radical a via expressa para o encontro? Não é afinal se perdendo que se pode encontrar?

Enfim, Cecília acaba de nos dizer, de modo paradoxal, que a poesia se oferta na incomunicabilidade.

Trata-se da cisão proposta por Antonio Machado, o extraordinário poeta de Espanha:

No es el yo fundamental
Eso que busca el poeta,
sino el tú esencial.
(PC,286)

Cecília Meireles propõe, assim, uma viagem inesperada, porque se trata de buscar, não um **eu fundamental**, fonte e energia dos românticos, construção imperial do idealismo alemão, mas sim este inusitado tu essencial, este outro que habita os corredores de nossa secreta existência e que nos justifica, este outro a quem entregamos o bem mais precioso que temos – nós mesmos. Não é esse risco o que chamamos vida social? Afinal, quem sou eu não é sempre respondido pelo outro?

E ela irá para onde ele for, porque é lá, no outro, que tudo se decide. É lá, na linguagem, que a vida se torna possível de ser vivida, ou melhor, mais uma vez reinventada.

REINVENÇÃO

A vida só é possível
reinventada

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas

de ilusionismo...—mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira ! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.

Só – na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida
a vida só é possível
reinventada. (OP,195-196)

Eis que a palavra **vida**, tantas vezes repetida no poema, produz um efeito de eco que nos faz ouvir um lugar, algum lugar. Estamos, uma vez mais, na viagem, em vilegiatura, como anotaria Fernando Pessoa.

Cecília agora mergulha no sentido da *phýsis*, isto é, sobre o que os gregos, em seu entendimento original, chamavam “o surgimento”, a força mediadora da natureza, o que surge no emergir.

Na verdade, a poeta nega o mundo exterior, porque tudo é mentira: o sol é mentira, a lua, as águas, as folhas, tudo são aparências, ilusionismos. Nada é verdadeiro, devemos desconfiar do sentido do olhar, porque os olhos mentem.

Eis o platonismo de Cecília Meireles aqui exposto, no qual o mundo, fraturado em dois, expõe-se em sua inevitabilidade e a vida, se ancorada nestes ilusionismos, só é possível reinventada. A vida que só se pode compreender como instância de um eterno retorno.

É justamente no tempo, no desprender-se do balanço que o além-do-tempo leva, é justamente aí que está a solidão e o abandono. Mas é aí também que se abre para a escuta, para o que de longe ecoa (a vida, a vida, a vida) é aí que a vida é possível, mesmo no paradoxo de ser incomunicável e - por incomunicável - precisa sempre de ser reinventada.

Ser e tempo são, pois, o mesmo e o idêntico. Somos no tempo, no tempo histórico designado pelas coisas, mas somos, simultaneamente, no tempo da

memória. Em algum momento, somos reinventados pela memória do outro, somos seu espelho, sintaxe improvável em algum memorial. Somos principalmente a memória de um desejo.

No entanto existe algo que se afirma nessa viagem empreendida do eu fundamental para o tu essencial: é que esta é a *phýsis* da vida, a natureza mesma de sua essência, de seu surgimento. Pois a vida não se apresenta apenas nas coisas, na concretude dos objetos, nos entes, como quer um materialismo apressado, mas na **reinvenção** que a linguagem oferece e para a qual devemos restar “recebidos e dados”, isto é, na disponibilidade da recepção e da doação.

A linguagem não é nossa como uma coisa é nossa. Mas somos dela, como seus protegidos ou seus expatriados. Que não falamos uma língua, ela é que nos fala, pois quando nascemos (ou somos nascidos, mas precisamente) a língua já está pronta.

Será, por acaso, uma postura antimoderna? Será antimoderna a recusa de submeter-se à objetividade inexorável de um mundo sem sentido ou a uma razão que se reduz ao fazer ou a não fazer, uma razão que justifica os fins pela estratégia fatal do sucesso a qualquer preço, uma razão que nos diz que os fins justificam os **medos**?

Há duas possibilidades.

A resposta é sim se supomos a modernidade do ponto de vista apenas instrumental com sua lógica técnico-científica, o mero acúmulo de ferramentas, objetos, aparelhos e aparatos tecnológicos que exteriorizam nossas vivências e sensações e que nos cegam para a interioridade para a viagem ao mundo interior, o mundo da escuta, onde somos, de modo geral, estrangeiros, que nos sonega o direito ao sonho e que nos interroga a cada instante sobre os bens que acumulamos a partir de nossa habilidade de lidar com as armadilhas do mundo.

A resposta é não, não é uma postura antimoderna, se supomos modernidade como uma ética emancipatória – o que a ética nem sempre é. Porém, se imaginarmos a realização do potencial que há no pensar humano, inclusive na ciência, e na capacidade de nos conduzir à vida reinventada, isto é, à liberdade como encontro das origens de nosso pensar, em busca do ser do homem, se formos capazes disso, de viver autenticamente nossa liberdade, então isto é moderno. Sobretudo se realizamos a possibilidade de se cumprir o estatuto do projeto iluminista: o direito à busca da felicidade.

Cecília tem, a esse respeito, não apenas uma constatação a fazer; mais do que uma *Sugestão*, na verdade, ela propõe uma ética delicada e profundamente moderna, uma ética estranhamente nova sem ser outra coisa que não uma antiga lição.

SUGESTÃO

Sede assim – qualquer coisa
serena, isenta, fiel.

Flor que se cumpre,
sem pergunta.

Onda que se esforça,
por exercício desinteressado.

Lua que envolve igualmente
os noivos abraçados
e os soldados já frios.

Também como este ar da noite:
sussurrante de silêncios,
cheio de nascimentos e pétalas.

Igual à pedra detida,
sustentando seu demorado destino.
E à nuvem, leve e bela,
vivendo de nunca chegar a ser.

À cigarra, queimando-se em música,
ao camelo que mastiga sua longa solidão,
ao pássaro que procura o fim do mundo,
ao boi que vai com inocência para a morte.

Sede assim qualquer coisa
serena, isenta, fiel.

Não como o resto dos homens. (OP, 228,229)

Aí está: a sofisticação da poesia de Cecília nos conduz a uma ética em consonância com o surgimento, com a **phýsis**, algo que estamos sendo, antes de propriamente sermos. Uma ética que imagina poder realizar certa utopia iluminista: reunir natureza e cultura para desenvolver um projeto civilizatório afirmativo.

Pois então, o que se diz de quem é sereno, isento e fiel na comparação com a flor, a onda, a lua, a noite, os silêncios, as pétalas, as pedras, a nuvem, a cigarra, o camelo, o pássaro, o boi, a natureza?

Diz-se que é. Este verbinho tão pequeno, tão humilde, tão pouco e só – é. Diz-se que é na expectativa do cumprir-se no tempo.

Cecília resume, de maneira magistral, na linguagem, o que há de mais sofisticado e profundo no modo de pensar que aprendemos mais uma vez com os gregos.

Repare a flor: ela é, não em sua inteireza de flor, mas na possibilidade de cumprir-se no destinar-se a ser flor.

Repare a onda: a onda na praia que é, quando sendo. Que, no exercício gratuito de destruir-se, reconstrói-se, no incessante jogo de ser e de não-ser. A onda é uma coisa que é-não é.

Repare a lua: ela cumpre, na vida e na morte, seu ofício de iluminar, gratuidade iluminada e luminosa.

Repare a noite: em seu silêncio existem tantas possibilidades de ser, de gerar vida: no ar que, silente, diz mais que os vestígios ruidosos do dia.

Repare a pedra, que, como a nuvem, é, na possibilidade de rolar morro abaixo; que, detida no espaço, é muito mais percebida em sua leveza do que na gravidade de seu peso.

Repare a cigarra, o camelo, o pássaro, o boi que cumprem, em seus destinos, o repetir-se sempre igual, na fidelidade a si mesmos. Quase diríamos, ao ser de cada qual, que é, sendo.

Repare os homens: eles não sabem superar o esquecimento do ser e perdem a sensibilidade para a vida reinventada, para a viagem, para o milagre de ser “qualquer coisa serena, isenta, fiel”. Eles desaprenderam o sentir porque isto não pertence ao protocolo da razão instrumental, desaprenderam por absoluta impossibilidade de inocência.

No verso final, este imperativo categórico: “não como o resto dos homens”.

Isto nos leva a uma indagação:

Há aí alguma esperança ?

Cecília atinge com este poema níveis extraordinariamente profundos em seu fazer poético, em sua sofisticação, em sua maturidade, por isso torna-se, de certo modo, incomunicável. Até porque a poesia é, segundo Drummond, incomunicável.

Esta incomunicabilidade é uma contradição e ocorre, na poética de Cecília, porque a exigência para a compreensão dos diálogos em seus poemas, para a compreensão do seu dizer poético, consiste, sobremodo, num convite à abertura para a compreensão do Ser, uma viagem, um mergulho no grande vazio, aquela disposição de gastar o suor da alma para tentar compreender os níveis profundos de nosso estar-no-mundo.

Estamos preparados para essa viagem? Nós que, de modo geral, queremos tudo pronto, fácil, acabado? Nós que não perdemos tempo com essas coisas do espírito?

É, portanto, compreensível que, em *Realização da vida*, ela tenha a seguinte proposição:

REALIZAÇÃO DA VIDA

Não me peças que cante,
pois ando longe,
pois ando agora
muito esquecida.

Vou mirando no bosque
o arroio claro
e a provisória
flor escondida.

E procuro minha alma
e o corpo, mesmo,
e a vos outrora
em mim sentida.
E me vejo somente
pequena sombra
sem tempo e nome,
nisto perdida,

nisto que se buscara
pelas estrelas,
com febre e lágrimas,
e que era a vida. (OP, 247).

A sombra da desesperança e da amargura ronda o poema. A vida, que se reinventa para ser possível, é, agora, o que se busca nas estrelas, com febre e lágrimas, mas é tudo provisório, é tudo névoa em suspensão e Deus, como dirá Fernando Pessoa, é um grande intervalo.

O apelo ao cantar, motivo principal de toda sua poética, ela agora nega, pois anda longe e esquecida.

Aquele **eu** que se torna pequena sombra, sem tempo e sem nome, é o signo de um fracasso: corpo, alma e voz não mais se expõem tão naturalmente, tão espontaneamente; é preciso o esforço da procura.

A poeta se supõe uma pequena sombra sem tempo ou nome, isto é, fora do lugar e do tempo, em completa exclusão.

Seria o fim ? Teria ela desistido de falar do humano? Quantos poetas não sucumbiram a este terrível impasse?

Mas não foi rigorosamente o **eu** que mudou, foi a vida. A vida reinventada, a partir de uma relação ingênua e de certo modo inocente com o mundo, já não é tão óbvia, tão gratuita, já não é mais possível “nisto que se buscara e que não era vida”.

A viagem ainda existe, só que mudou de rumo. Será preciso encontrar novas rotas, outros caminhos.

Na verdade, a esta altura de seu lirismo, não é a vida que tem de ser reinventada, é a própria viagem, são os caminhos dessa busca. É a própria poesia que tem de ser reinventada, porque sua incomunicabilidade chegara a um impasse.

Mas não há desesperança, o que há é inquietação. Existe uma saída que é a própria linguagem, isto é, é necessário fazer-se comunicável e, para isto, é

preciso compreender a natureza da linguagem, sua constituição e destino.

Começa então o trabalho de Sísifo, o desafio da pedra, o conhecimento circular do retorno e da superação da incomunicabilidade.

Como Sísifo, que não cessa de carregar a enorme pedra para cima e para baixo do monte, também Cecília insiste em sua faina que é encontrar uma linguagem poética que, em meio à incomunicabilidade própria do lirismo, na verdade seja capaz de comunicar experiências radicais e profundas.

INTERPRETAÇÃO

As palavras aí estão, uma por uma:
porém minha alma sabe mais.

De muito inverossímil se perfuma
o lábio fatigado de ais.

Falai! que estou distante e distraída,
com meu tédio sem voz.

Falai! meu mundo é feito de outra vida.
Talvez nós não sejamos nós.

III

Chegamos a um momento importante no desenvolvimento da poética de Cecília Meireles. Trata-se agora das estruturas da incomunicabilidade.

Em seu percurso, Cecília não pretendeu outra coisa senão a essência do dizer poético, da *Dichtung*, como dizem os alemães, e esta aventura é toda uma luta incessante, o trabalho de Sísifo.

Referimo-nos, linhas atrás, ao aforismo de Wittgenstein acerca dos limites do mundo e da linguagem e a homologia que há entre ambos. Cecília, nesta quadra de seu percurso poético, chega a um limite, porque esgotou as possibilidades da sua dicção.

Fazia-se necessário reinventar, não a vida, como ela mesma propõe, mas a própria linguagem, considerando que seu mundo chegara ao limite.

É isto o que significa uma literatura como metaliteratura: a constatação dos limites da linguagem, a revelação de novas lógicas com que ampliar esses limites, este ir-além que é a graça e a desgraça dos criadores, dos verdadeiros artistas, quando chegam a um ponto em sua obra que questionam o próprio fazer artístico. Chamamos a esse momento arte pura, que por ser pura e complexa torna-se praticamente incomunicável.

No verso que abre o texto, Cecília Meireles retoma a tensão entre língua e linguagem, visto que a língua é aquele gregarismo linear – uma palavra depois

da outra – em dimensão precária porque estereotipada, “fascista”, como no dizer engenhoso de Roland Barthes, visto que não nos impede de dizer, mas obriga-nos a falar igual. Para superar este limite é preciso libertar a expressão do que está na alma: a alma (a linguagem) sabe mais do que esta coisa que nos fala (a língua).

Nesta outra poética, não são os dedos que trazem o perfume e o gosto do sofrimento, e sim os lábios que se perfumam, fatigados de ais, uma solução ousada para fechar a rima com “mais”.

Nesta proposição, não é o fazer, mas o dizer que é a chave. É preciso instar o outro a se pronunciar (Falai!), é preciso, ainda que a escuta esteja longe e distraída, com seu tédio sem voz, ainda assim é preciso buscar a comunicabilidade perdida. É preciso que nesta fragilidade se fortaleça o que somos, e somos, de algum modo, o que nos falta. Por isso somos um projeto, seres atirados para diante, embriagados de futuro, querendo o amanhã como se quer o ar para poder viver.

Agora, a relação entre o eu fundamental e o tu essencial passa por outros caminhos, porque o novo mundo que Cecília resolveu fundar, após os limites, será feito de outra matéria. Será feito, shakespereumamente, da mesma matéria que os sonhos, que laboram a vida, cercada de sono.

Esta outra vida, possivelmente reinventada como as outras, não traz em si qualquer traço de redenção, antes aprofunda e leva ao extremo as estruturas da incomunicabilidade, simplesmente porque “ talvez nós não sejamos nós”.

Aqui, é conveniente uma pausa para recuperar o fôlego.

Estamos neste momento esmagados por um paradoxo, perdidos num beco sem saída, visto que o niilismo de Cecília, ao negar até a possibilidade mesma da existência e portanto a possibilidade da comunicação, a possibilidade do outro, e, no extremo, pulverizar a identidade, dando à vida reinventada o estatuto da inverossimilhança, parece incontornável.

Vejamos o périplo dessa viagem.

Após exercer, no limite do mundo, sua teleologia negativa e dizer que apenas a alma sabe mais, depois de tudo isto, o que lhe restaria senão a amargura do solipcismo? O mergulho numa interioridade sem saída? A perturbadora consciência de que uma pessoa com sua sensibilidade estaria irremediavelmente perdida no meio da barbárie do mundo moderno?

Esta perigosa emboscada leva-nos a interpretar sua poesia, até agora, principalmente, como a marca do desengano.

Se esta poesia, entretanto, mergulhasse completamente no negro mar absoluto de uma teologia negativa, capaz de insurgir-se contra o não-ser, se não houvesse ali alguma energia, originária das forças interiores da vida em sua vigência e no vigor de suas forças, não haveria a absoluta necessidade de buscar a outra linguagem, capaz de levar adiante os limites do mundo.

Ela mesma deixará o registro deste dilema no poema *Beira-mar*, nesses versos de comovente confissão:

Deus te proteja, Cecília
que tudo é mar- mais nada.

IV

Mas Cecília é mulher. Repito, Cecília é uma mulher. Sua alma feminina se recusa a deixar-se vencer, a sucumbir, como fazem as almas femininas há tanto tempo esmagadas por um equívoco desumano que algumas sociedades tendem a repetir, sobretudo em sua versão atrasada.

Como força da natureza, geradora de vida, as mulheres são fortes, são amigas da **phýsis**, são mães, são geradoras, talvez por isso, lá no fundo, quando tudo parece aniquilado e a sombra da morte ronda por toda parte, quando os versos daquele romano ainda ecoam – até as ruínas pereceram – é aí que se instaura, de novo, nesta mulher incomum, a força da poesia, a lição das sobreviventes, a ontologia do feminino que parece concentrar em si mesma a vontade de poder. As mulheres é que sabem dessa pedagogia da inquietação que é viver apesar de tudo. Que resistir é preciso.

UM

Agora podeis tratar-me
como quiserdes:
não sou feliz nem sou triste,
humilde nem orgulhoso
— não sou terrestre.

Agora sei que este corpo
insuficiente em que assiste
remota fala,
mui docemente se perde
nos ares, como o segredo
que a vida exala.

E seu destino é ir mais longe,
tão longe, enfim, como a exata
alma, por onde
se pode ser livre e isento,
sem atos além do sonho,
dono de nada,

mas sem desejo e sem medo,
e entre os acontecimentos
tão sossegado!
Agora podeis mirar-me
enquanto eu próprio me aguardo,
pois volto e chego,

por muito que surpreendido
com os seus encontros na terra
seja o Aeronauta. (OP,395)

O Aeronauta é um livro de poemas cujos títulos são compostos por numerais de um a onze. São, portanto, um poema único e integral de que tomamos aqui o primeiro texto.

Neles, Cecília propõe uma alternativa para resolver o impasse da incomunicabilidade: é que a vida, como o mar que vive de recomeçar, é muito maior do que tudo o que nele se pode conter.

A constatação radical - “não sou terrestre” - é mais do que uma simples evasão, é a proposta de uma outra humanidade cujo convite - “seja o Aeronauta” - abre-se para todos.

São poemas de uma ascese originária de uma reverência à vida, ou melhor, aos mistérios que circunscrevem a existência humana, para além do que toda a razão pode dar conta e do que pode nosso precário entendimento.

Ou de outro modo: Cecília propõe uma espécie de princípio da razão insuficiente, uma razão frágil, fundada não no absoluto, na totalidade, no delírio do pleno, antes propõe uma razão afetiva, fundada no princípio do “mirar-se, enquanto eu próprio me aguardo, pois volto e chego”, uma razão incerta, sem princípio nem fim.

O advérbio AGORA denota um tempo instantâneo. *Agora* diz de um tempo de decisão, um tempo unitário onde presente, passado e futuro se concentram e cohabitam na força inexorável do que é UM, porque tudo é UM, como no texto.

Agora é o *doravante*, a cisão, a fronteira do antes em direção ao depois. *Agora* diz também de um lugar, sendo, pois, também e essencialmente, viagem. *Agora* é tempo e espaço.

Primeiro, “podeis tratar-me como quiserdes”, pois “não sou terrestre”. A poeta está em um outro lugar, em um certo *ex-ilium*, um lugar para além das paixões, para além da felicidade, da tristeza, da humildade, do orgulho.

Impossível não perceber aí a influência do modo oriental de pensar, da ascese de que seu lirismo se ocupa, desde o momento em que convive com o pensamento místico do oriente, resultado de seu contato com a cultura dos Indus.

Segundo, “sei que este corpo insuficiente” é morada do uma “remota fala” e se perde em razão “do segredo que a vida exala”. Chegamos então à repetição da poética da incomunicabilidade: no limite desse mundo ascético que Cecília aprendeu em seu orientalismo, sobretudo em sua estadia na Índia, há uma nova linguagem a ser inscrita.

Ir mais longe, ser o Aeronauta, será uma aventura paradoxal de fazer da linguagem um exercício de isenção e de silêncios, apenas possível na solidão que para ela “não” é uma disponibilidade. “É uma conseqüência natural de meu

trabalho e o seu clima indispensável”, segundo seu próprio depoimento.

A questão agora se põe do seguinte modo: como construir (ou deixar-se tocar) por esta nova linguagem ?

Para ser preciso, esta é uma questão permanente em Cecília, desde o início, pois, como ela bem se referiu em uma entrevista, desde cedo pretendeu:

uma visão da vida mais especificamente através da palavra - e isso, desde o princípio, desde as primeiras histórias ouvidas, das primeiras cantigas, dos primeiros brinquedos. Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros, e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo. Sempre me foi muito fácil compor cantigas para os brinquedos; e, desde a escola primária, fazia versos - o que não quer dizer que escrevesse poesia.

Afinal, como não comemorar uma poeta que não almejou outra coisa senão nos devolver o delicado - e perigoso - gesto de viver?

V

O impasse que se vem revelando no transcurso de nossa exposição, acerca de seu lirismo, chega, então, na possibilidade de superação por um caminho previsto desde o início, porque lá está, nos versos de *Motivo*, segundo poema de *Viagem*, o seguinte:

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Quase como uma continuação dessa proposta confessional, eis seu vôo:

VÔO

Alheias e nossas
as palavras voam.
Bando de borboletas multicolores,
as palavras voam.
Bando azul de andorinhas,
bando de gaivotas brancas,
as palavras voam.
Voam as palavras
como águias imensas.
Como escuros morcegos
como negros abutres,
as palavras voam.

Oh! alto e baixo

em círculos e retas
 acima de nós, em redor de nós
 as palavras voam.

E às vezes pousam. (OP, 627)

É claríssima a metáfora estrutural: palavra-pássaro.

Palavras: bando de borboletas multicolores, bando azul de andorinhas, bando de gaivotas brancas, águias imensas, escuros morcegos, negros abutres.

Existem expressões copulativas e assonâncias de vogais em anticlímax: borboletas, andorinhas, gaivotas (quem sabe as palavras da inocência da criança brincando, das primeiras cantigas em seu depoimento?).

Existem as águias que são palavras épicas, os vôos largos do discurso épico, do maravilhoso, do histórico, do assombroso mundo dos heróis das epopéias.

E as palavras escuras e negras (abutres e morcegos), o sofrimento, a dor, o desespero.

Em sua aparente simplicidade, pura metonímia do dizer poético, Cecília nos oferta a síntese da *Dichtung* - isto é, o fazer poético na sua rigorosa simplicidade.

E prossegue: "as palavras voam", estão por toda parte e, por isso, em lugar algum.

Mas, súbito, do interior mesmo deste poema quase didático, o verso, que é semelhante a um aforismo de um pensador pré-platônico, diz: "E às vezes pousam".

A profundidade desse verso remonta, uma vez mais, ao conceito de *logos* dos gregos: o dizer que recolhe, que pouso; o que se recolhe na síntese do dizer-pousar.

Pousam às vezes as palavras e nesta epifania tudo se diz sobre esta atividade humana, demasiadamente humana, que é a poesia, a linguagem, o poema.

O que se disse da simplicidade aparente deste poema, certamente não dá conta de que ali também se inscreve o fragmento de Heráclito, o primeiro entre os grandes pensadores gregos.

fisis kriptestai filei (phýsis kripthestai philei)

O que é surgimento tem afinidade com o esconder-se.

O pousar das palavras (como os pássaros) em seu vôo não escolhe o pouso. É que a poesia se dá, no ato gratuito da oferta, independente de raça, credo, cor, situação social, ordem, lei, etc. A poesia é.

Na universalidade do pouso, as palavras-pássaros não sabem o onde, porque apenas são.

A afinidade por fim não escolhe, elege, porque estas coisas não são desse mundo, não são coisas terrestres, pertencem, na verdade, à essência do

vôo-viagem. A viagem.

Aqui é espantoso recolher, na linguagem tão vilipendiada dos jovens (que somos todos nós no tempo do encantamento) quando dizem : *esta aula é uma viagem*. Como eles, em sua irreverência, detêm um saber profundo é um mistério que não é fácil resolver. Nada pode ser mais compensador.

E daí poderíamos nos interrogar, partindo do poetar da Cecília, quando e se voltaremos a ter o mundo reencantado, se teremos outra vez entre nós a poesia e seu poder de nos revelar o que somos, essencialmente.

Se, apesar de tudo, nós ainda seremos seres que não morrem, ficamos encantados.

VI

Como e o que se recolhe de Cecília Meireles nesses tempos ácidos, de selvageria e de desencantos, nesses tempos de banalizações e de valorização da mediocridade desencantada? Nestes tempos de terror em que uma só imagem é capaz de nos deixar entregues a uma sensação de derrota, a derrota de cultura, da sensibilidade, da grandeza humana.

Lembro-me da frase que encerra um conto magistral de Jorge Luis Borges - *A Biblioteca de Babel* - onde o personagem-narrador, contemplando o infindável labirinto de livros e de palavras que constitui a Biblioteca de Babel, com todo o conhecimento reunido, com todo o conhecimento possível e a ser possível, pleno de incontáveis possibilidades semânticas, diz: *minha solidão se alegra com esta elegante esperança*.

A esperança de compreender e ser compreendido.

Assim, também, quem sabe, nós possamos nos alegrar com a esperança nos novos sentidos que nos aguardam no mundo reencantado por Cecília.

Talvez dele se possa declarar, uma vez mais, com Antonio Machado:

Bueno es saber que los vasos
nos sirven para beber.
Lo malo es que no sabemos
para que sirve la sed.

VII

A viagem, melhor seria dizer - as viagens - como sugere o sentido de nossa conferência, é uma aventura no reino da incomunicabilidade.

Todo esforço da poesia de Cecília Meireles repousa, e o sentido se recolhe, na tentativa de aproximar-se do Mistério, do Silêncio, do Não-dito.

É nesse horizonte que se diz que toda grande poesia é uma espécie de fracasso, porque não pode exprimir o inexprimível. Só que desse fracasso é que se concebe a humanidade do homem, que desde o início sabe de sua imensa fragilidade em face dos Deuses e do Mistério.

A noção pragmática e prática da palavra fracasso, aquela que circula em nosso senso-comum, tomada em seu sentido negativo, só pode ser entendida quando confrontada com os ideais modernos, em especial aqueles que entendem os vencedores como os que ganham o direito a um lugar na história e buscam o bem-estar antes do estar-bem, o que nos leva a justificar tudo em nome dos resultados.

Porém a noção ontológica de fracasso diz, em seu étimo, o contrário: diz do começo de todos os começos, quando o homem, contemplando “a vaga música de um mar absoluto” empreende e compreende que, frente à imensidão e complexidade do mundo, ele será sempre “o fracasso”.

É o fracasso que se reconhece na tentativa ao mesmo tempo necessária e vã de desafiar os Deuses e, quem sabe, vencê-los, não na doce ilusão da imortalidade, mas na resignada certeza da mortalidade, pulverizada em nós, transmutada em memória, em cada um. Afinal seremos memória um dia. Às vezes, nem isso.

Vencemos, não porque somos imortais e únicos, não porque somos espécie, mas porque somos gênero, o gênero humano, a única espécie capaz de palavra.

É o fracasso que supera Deuses e Mistérios, porque os Deuses, na imortalidade, precisam de nós para deles dizermos que são imortais, porque o imortal só se reconhece na precária existência dos outros mortais.

Então, do fundo da negra noite desses tempos sombrios, dois olhos nos contemplam, duas brasas acesas de esperança: é que a vida, a vida, a vida, só possível reinventada, nos diz que não se reinventa o impossível, porque o impossível é nosso mais glorioso exercício de viver.

Devemos ser gratos a Cecília, por reinventar a esperança e nos garantir que o sonho de outra humanidade não fracassou, porque o caminho se faz não somente ao andar, mas também no convite ao caminhar. Porque a educadora Cecília Meireles inaugurou a pedagogia da inquietação e nos faz pensar.

Aqui fica o convite para caminharmos juntos, com a poesia de Cecília. Que nesta noite, modesta noite, pré-natalina, em nossa querida Cabo Frio, um professor anônimo, possa dizer a uma platéia fraterna e generosa que o nome de Cecília Meireles nos acompanhará como um emblema de afeto, de razão e de sensibilidade.